

Psique e energia psíquica, segundo C. G. Jung: uma introdução

Ricardo Pires de SOUZA

São Paulo, SP, Brasil.

Resumo

Este trabalho tem intenção didática, funcionando, para o autor, como ferramenta de trabalho clínico. Mas ele também se ocupa em trazer à luz parte da cosmovisão de C. G. Jung, em seu olhar sobre a psique do ser humano. Isso se dá na conceituação de subjetividade e da sua relação com a realidade. Para tanto, foram ressaltados o papel dos instintos; o papel dos afetos; os impulsos à atividade, à criatividade e à reflexão; o impulso à atribuição de significado; e, finalmente, o impulso à individuação no enfrentamento das forças coletivas que habitam a psique humana. Para Jung, a única experiência de realidade é a experiência subjetiva do ser humano, e se não se pode definir psique ou sua expressão dinâmica – a energia psíquica –, também não conhecemos a natureza última da vida, no sentido biológico, e da matéria e energia, no sentido físico. Para o ser humano, a psique é a própria noção de existência.

Descritores

psicoterapia analítica, Jung, Carl Gustav, 1875-1961, energia psíquica.

Psyche and psychic energy according to C. G. Jung: an introduction

Abstract

This paper brings a didactic intention, and for the author it operates as a tool of clinical work. However, it also brings to light part of C. G. Jung's world view in his gaze at human psyche. This occurs in the conceptualization of subjectivity and its relationship with reality. To achieve this, the role of instinct was highlighted; and the role of affects; the drive to activity, to creativity and reflection; the drive to the attribution of meaning; and finally, the drive to individuation in the confrontation of collective forces that inhabit human psyche. For Jung, the only human experience of reality is their subjective experience, and if it is not possible to define psyche or its dynamic expression – psychic energy –, the ultimate nature of life is also unknown to us, in the biological sense, and of matter and energy in the physical sense. For the human being, the psyche is the very notion of existence.

Descriptors

analytical psychology, Jung, Carl Gustav, 1875-1961, psychic energy.

Psique y energía psíquica según C. G. Jung: una introducción

Resumen

Este trabajo tiene intención didáctica y funciona, para el autor, como una herramienta de trabajo clínico. Pero él también trae a la luz parte de la cosmovisión de C. G. Jung, en su mirada sobre la psique del ser humano. Esto se da en la conceptualización de subjetividad y de su relación con la realidad. Para eso, se destacaron el papel de los instintos; el papel de los afectos; los impulsos hacia la actividad, la creatividad y la reflexión; el impulso a la atribución de significado; y, finalmente, el impulso a la individuación en confrontación con las fuerzas colectivas que habitan la psique humana. Para Jung, la única experiencia de la realidad es la experiencia subjetiva del ser humano, y si no se puede definir psique o su expresión dinámica – la energía psíquica –, tampoco conocemos la naturaleza última de la vida, en el sentido

biológico, ni de la materia y la energía, en el sentido físico. Para el ser humano, la psique es la propia noción de existencia.

Descritores

psicologia analítica, Jung, Carl Gustav, 1875-1961, energia psíquica.

Introdução e justificativa

Este trabalho tem finalidade didática, antes de qualquer outra. Trata-se de uma ferramenta de trabalho pessoal no que tange o pensamento de Carl Gustav Jung, fundador da psicologia analítica, tanto na fundamentação da atuação clínica, quanto na atividade do ensino. Trata-se ainda, em um nível íntimo, do estabelecimento de uma cosmovisão, como convém a toda grande teoria sobre o ser humano e o mundo.

Embora seja uma revisão, não é possível dizer que ela contenha todo o pensamento junguiano acerca dos tópicos abordados – o trabalho não tem essa pretensão, ele é uma canonização de ideias.

Dono de vasta obra, Jung teve a oportunidade de acompanhar e ajudar a definir o ordenamento dos seus "Collected Works" [Obras coletadas], traduzidos para o inglês por R. F. C. Hull, sob a editoria de Herbert Read, Michael Fordham e Gerhard Adler. A atuação de Jung na seleção e no ordenamento dos ensaios, ajudando a agrupá-los em livros, faz desse conjunto de textos a fonte primária mais significativa do pensamento junguiano e o seu legado intelectual maior, sem desabono às outras fontes do próprio Jung ou de seus comentadores e intérpretes. Utilizamos, neste trabalho, exclusivamente a edição da *Princeton University Press*, em versão *Kindle*. As traduções são nossas.

Este trabalho não pretendeu incluir um estudo aprofundado das instâncias que compõem a psique – consciência e o inconsciente –, ele se ateve aos aspectos mais básicos dos conceitos de psique e de energia psíquica.

Definição, origem e evolução da psique

A psique humana é a experiência subjetiva do indivíduo humano. Ela é constituída por uma dimensão **consciente** – que reconhecemos como a personalidade ou o **eu** (ou o **ego**) – e por uma imensurável dimensão **inconsciente**, que abrange completamente a consciente. De fato, a consciência emerge da dimensão inconsciente e nela está imersa. De acordo com C. G. Jung: "[...] a vida psíquica é, em sua maior parte, uma vida inconsciente que circunda a consciência por todos os lados [...]" (Jung, CW 9/1: para. 57, position 692, 1934/1954/2014).

Toda a experiência subjetiva deriva da psique inconsciente, que está sempre em desenvolvimento e evolução (Jung, CW 5: para. 95, position 1612, 1912/1952/2014a). De acordo com Jung, "A psique não é algo inalteravelmente dado, mas sim produto do seu contínuo desenvolvimento" (Jung, CW 5: Foreword to the third [German] edition, position 526, 1912/1952/2014b). Portanto, por definição, ela nunca se conclui.

Desse modo, a evolução da psique humana perde-se no passado e a sua ancestralidade retrocede milhões de anos (Jung, CW 5: Foreword to the Fourth (Swiss) Edition, position 486, 1912/1952/2014c). Tanto nossos corpos quanto nossas mentes guardam memórias, ecos e vestígios desse passado evolutivo.

Assim como nossos corpos ainda retêm vestígios de funções e condições obsoletas em muitos dos seus órgãos, assim nossas mentes, que aparentemente surgiram a partir de impulsos arcaicos, ainda apresentam marcas dos estágios evolutivos pelos quais nós passamos [...] (Jung, CW 5: para. 36, position 1018, 1912/1952/2014d).

Como afirma Jung, "[...] psique e matéria são dois aspectos diferentes da mesma coisa" (Jung, CW 8: para. 418, position 4119, 1946/1954/2014) e "[...] não temos como separar o processo psíquico do processo biológico" (Jung, CW 8: para. 30, position 408, 1928/2014). Assim, "A distinção entre mente e corpo é uma dicotomia artificial [...]" (Jung, CW 6: para. 916, position 10065, 1931/2014).

Em diferentes momentos nas suas "Collected Works", Jung destaca que embora em suas naturezas manifestas, corpo e psique possam parecer diferentes, eles formam uma unidade (Jung, CW 6: para. 918, position 10501, 1931/2014; Jung, CW 8: para. 232, position 2249, 1942/2014; Jung, CW 6: para. 961, position 10413, 1936/2014).

[...] características físicas não são meramente físicas, nem características mentais são meramente psíquicas. A continuidade da natureza desconhece as distinções antitéticas que o intelecto humano é forçado a lançar mão para auxiliar na compreensão (Jung, CW 6: para. 915, position 10065, 1931/2014).

De acordo com Jung (CW 8: para. 31, position 413, 1928/2014), essa unidade só pode ser entendida como processo vital: um ser vivo com características físicas e mentais, parte individual e parte coletivo, portanto, um indivíduo contínuo em si mesmo e que existe para além das discriminações opostas que a mente humana precisa gerar para compreender as coisas.

Mas não sabemos o que é a psique. Não sabemos o que é a energia psíquica, sua expressão dinâmica, assim como não sabemos, em última análise, o que

é a vida, ou o que são a energia e a matéria que constituem o universo e, talvez, nunca venhamos a saber. "[...] não temos como saber o que vem a ser a natureza última da matéria" (Jung, CW 18: para. 419, position 3708, 1961/2017); "[...] a psique é uma realidade que não conseguimos alcançar [...]" (Jung, CW 12: para. 564, position 7328, 1944/2014).

Subjetividade e realidade

Toda percepção, cognição e conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos são condicionados pela subjetividade do observador (Jung, CW 3: para. 397, position 3744, 1915/2014): "[...] a percepção e a cognição não são puramente objetivas, mas também subjetivamente condicionadas. O mundo existe não meramente por si mesmo, mas também como aparece para mim" (Jung, CW 6: para. 621, position 7317, 1921/2014a).

De acordo com Jung, o observador é aquele sem o qual não haveria mundo ou verdade, por não haver quem os registrasse e por não haver quem garantisse a realidade da sua existência, "[o] único garantidor imediato da realidade é o observador" (Jung, CW 11: para. 465, position 5567, 1952/2014).

A psique é a experiência imediata individual de ser e de existir. Ela, de fato, é a única experiência de ser e de existir que possuímos. A psique é a única experiência de subjetividade, de vida e de ser que cada um de nós pode ter: ela é a condição imprescindível para o estabelecimento da realidade do mundo – é o começo e o fim de toda forma de cognição. A psique constrói o mundo ao mesmo tempo em que é construída por ele. O mundo somente vem a ser quando o ser humano o reconhece. E a realidade somente existe como experiência da psique. Em última análise, a experiência psíquica é a própria existência.

Jung trata da psique ao longo de vários textos que compõem suas "Collected Works": "[...] a única forma de existência acerca da qual temos conhecimento imediato é a psíquica" (Jung, CW 8: para. 16, position 332, 1937/1942/2014). Ainda: "[...] a psique é a única que experimenta a vida e a existência. Ela é a única experiência imediata que nós temos e a condição imprescindível da realidade subjetiva do mundo" (Jung, CW 5: para. 344, position 4618, 1912/1952/2014e).

Também: "A existência psíquica é a única categoria de existência da qual nós temos conhecimento imediato, já que nada pode ser conhecido a menos que antes apareça como uma imagem psíquica. Apenas a existência psíquica é imediatamente verificável" (Jung, CW 11: para. 769, position 8583, 1954/2014); e "[...] toda a nossa experiência de realidade é psíquica; assim, tudo o que pensamos sentimos ou percebemos é uma imagem psíquica e o

mundo existe apenas na medida em que somos capazes de produzir uma imagem dele" (Jung, CW 11: para. 766, position 8556, 1954/2014).

Por fim, "[a] psique é o ponto de partida de toda a experiência humana [...]. Ela é o começo e o fim de toda cognição" (Jung, CW 8: para. 261, position 2471, 1942/2014). "A psique é a condição *si ne qua non* do mundo como objeto" (Jung, CW 8: para. 357, position 3258, 1946/1954/2014). "Apenas em virtude da existência psíquica nós temos qualquer tipo de 'ser'" (Jung, CW 12: para. 516, position 6703, 1944/2014). "O mundo vem a ser quando o homem o descobre" (Jung, CW 5: para. 652, position 8260, 1912/1952/2014f). "Realidade é o que acontece na alma humana [...]" (Jung, CW 6: para. 60, position 906, 1921/2014b). E "[...] a psique é a própria existência" (Jung, CW 11: para. 18, position 343, 1940/2014a).

De fato, a existência só pode ser estabelecida pela psique consciente, pré-condição de ser, cujo portador involuntário é o indivíduo.

Sem a consciência não haveria mundo, pois o mundo existe para nós apenas na medida em que é refletido conscientemente pela psique. A consciência é uma pré-condição do ser. [...] O portador da consciência é um indivíduo que não produz a psique por sua própria vontade, mas é, ao contrário, pré-formado por ela e nutrido pelo despertar gradual da consciência durante a infância (Jung, CW 10: para. 528, position 5118, 1957/2014).

E esse conhecer o mundo e a si mesmo interfere no mundo e em si, de modo que os eventos que nos atingem não são meramente acidentais, mas também são, em grande medida, condicionados por nossas condições subjetivas. "[...] o mundo é um fenômeno subjetivo. As impressões que recebemos de ocorrências acidentais também são nosso próprio fazer. Não é verdade que as impressões nos sejam impostas incondicionalmente; mas nossa própria predisposição condiciona a impressão" (Jung, CW 4: para. 400, position 3308, 1913/2014).

A realidade não é exclusivamente nem o objeto, nem a apreensão cognitiva do objeto, mas a combinação de ambos sob a forma de experiência psicológica viva. A imagem subjetiva que chamamos de realidade é a expressão simultânea tanto de conteúdos conscientes, quanto de conteúdos inconscientes, sempre em relação mútua.

O que vem a ser a realidade senão um *esse in anima*? A realidade viva não é exclusivamente um produto nem do comportamento objetivo das coisas, nem da ideia formulada, mas sim a combinação de ambos em um processo psicológico vivo, por meio do *esse in anima* (Jung, CW 6: para. 77, position 1137, 1921/2014b).

A imagem interna é o resultado da atividade espontânea do inconsciente, por um lado, e da situação momentânea da consciência, por outro [...]. Desse modo, a imagem é uma expressão tanto do inconsciente, quanto da situação da consciência num dado momento (Jung, CW 6: para. 745, position 8608, 1921/2014c).

A psique cria a realidade o tempo todo, e o faz por meio da atividade criadora da fantasia. A imaginação criativa é a fonte de todas as produções humanas (Jung, CW 16: para. 98, position 974, 1929/2014a). Fantasias constituem a atividade específica da psique e formam grande parte – senão a maior parte – daquilo que chamamos **consciência**, nossa função de realidade. Essa atividade criativa da psique representa o fundamento do próprio funcionamento psíquico. Ela é a base sobre a qual a consciência surge e se assenta, com as suas perguntas, respostas, possibilidades e oposições psicológicas. A psique é a união viva do mundo externo com o mundo interno.

A psique cria a realidade todos os dias. A única expressão que posso usar para essa atividade é “fantasia”. Fantasia, desse modo, me parece a mais clara expressão da atividade específica da psique. Ela é, preeminentemente, a atividade criativa a partir da qual todas as respostas para todas as questões respondíveis se originam; ela é a mãe de todas as possibilidades, na qual, como todos os opostos psicológicos, os mundos interno e externo se juntam em uma união viva (Jung, CW 6: para. 78, position 1154, 1921/2014b).

Mas não temos acesso à realidade como ela é em seu fundamento último: nossa própria constituição física e psicológica limita o nosso acesso à realidade do mundo. A experiência subjetiva se dá, então, de forma sempre contida, limitada pela nossa própria capacidade de experimentar. Como destaca Jung, “[...] o universo pode ser estabelecido apenas em função daquilo que o nosso organismo psíquico permite” (Jung, CW 11: para. 68, position 811, 1948/2014).

Desse modo, qualquer objeto da realidade sempre carrega consigo algum nível de incerteza e desconhecimento, já que todo ato de consciência é sempre incompleto, parcial. De fato, não sabemos o que são a natureza, a matéria, a vida ou a psique, apenas tentamos descrevê-las como podemos (Jung, CW 18: para. 439, position 3851, 1961/2017).

Cada ato de apercepção ou cognição alcança a sua meta apenas parcialmente, nunca completamente. Primeiramente, a percepção sensorial, fundamental para qualquer experiência, é restringida pelo número e pela qualidade limitada dos nossos sentidos; estes, embora possam ser compensados, em certa extensão, pelo uso de instrumentos, não podem eliminar inteiramente a faixa de incerteza. [...] existe, desse modo, um número indefinido de fatores

desconhecidos em toda a experiência: o objeto da cognição é sempre desconhecido em certa medida [...] (Jung, CW 18: para. 419, position 3692, 1961/2017).

Energia psíquica como força

A psique pode ser compreendida como um sistema autorregulador (Jung, CW 7: para. 92, position 1223, 1912/1943/2014) que se manifesta sob a forma de força, intensidade, impulso, movimento, afeto e desejo (Jung, CW 5: para. 505, position 6591, 1912/1952/2014g); Jung, CW 4: para. 282, position 2348, 1913/2014). Essa força pode ser chamada de **energia psíquica** ou **libido**. Libido é apetite natural, não sujeito ao controle de autoridade alguma; na verdade, vários apetites relacionados antes de tudo às necessidades do corpo: fome, sede, sono, atração por sexo e estados afetivos (Jung, CW 5: para. 194, position 2826, 1912/1952/2014h).

Essa energia psíquica é uma força da natureza moralmente neutra (Jung, CW 5: para. 182, position 2649, 1912/1952/2014i), inconsciente em sua maior parte e, portanto, apenas parcialmente disponível ao controle da consciência. Segundo Jung (CW 7: para. 76, position 1049, 1912/1943/2014), “[...] não está em nosso poder transferir energia psíquica de forma arbitrária para um objeto racionalmente escolhido. [...] essa energia somente pode ser aplicada voluntariamente durante um curto período”.

Na sua natureza essencial, a energia psíquica não pode ser separada em diferentes instintos ou necessidades do corpo: ela é mera e contínua urgência de viver, impulso de preservação do indivíduo e da espécie (Jung, CW 5: 195, position 2841, 1912/1952/2014h). Nesse sentido, a energia psíquica não pode ser tomada como um instinto particular como a atração sexual, pois ela representa uma qualidade ou condição de todos os instintos e de todos os aspectos da vida: “Fazemos melhor ao entender a libido como um valor energético que é capaz de se comunicar com todos os campos de atividade, seja o poder, a fome, o ódio, a sexualidade ou a religião [...]” (Jung, CW 5: para. 197, position 2857, 1912/1952/2014h).

A libido, ademais, inclui impulsos para o movimento, a ascensão e a expansão do indivíduo e “deseja o seu próprio declínio, a sua própria involução” (Jung, CW 5: para. 680, position 8649, 1912/1952/2014f).

O papel dos instintos

Embora tenhamos nos distanciado bastante da nossa animalidade, os instintos ainda representam uma das instâncias mais conservadoras da psique humana, sendo muito resistentes a modificações, adaptações ou transformações (Jung, CW 5: para. 199, position 2896, 1912/1952/2014h). De acordo com Jung,

"[...] o instinto é um sistema de atos estavelmente organizados e conseqüentemente tende à repetição ilimitada [...]" (Jung, CW 8: 245, position 2328, 1937/1942/2014). Uma vida guiada em demasia pelos instintos é uma vida mais inconsciente e, por ser caracterizada por maior constância, é marcada pelo conservadorismo. "Os instintos só são suficientes para uma natureza que permanece mais ou menos constante. Desse modo, um indivíduo que é guiado mais pelo inconsciente do que pela escolha consciente tende marcadamente ao conservadorismo psíquico" (Jung, CW 13: para. 12, position 371, 1929/2014b).

Existem instintos muito básicos relacionados à preservação do indivíduo, como a fome, e outros relacionados à propagação da espécie, como a sexualidade. Mas existem ainda impulsos humanos, com caráter aparentemente instintivo: impulso para a atividade, a criatividade, a reflexão, a atribuição de significado e a individuação (Jung, CW 8: para. 246, position 2338, 1937/1942/2014).

Jung (1937/1942/2014) destaca que a fome, enquanto instinto de autopreservação, é o fator mais importante a afetar o comportamento, sendo mais dominante do que a sexualidade.

A fome, como expressão característica do instinto de autopreservação, é, sem dúvida, um dos fatores mais primários e poderosos a influenciar o comportamento; de fato, as vidas dos povos primitivos são mais fortemente afetadas por ela do que pela sexualidade. Neste nível, a fome é o alfa e o ômega, a existência em si mesma (Jung, CW 8: para. 237, position 2287, 1937/1942/2014).

O sexo e a sexualidade são o fundamento biológico do instinto da preservação da espécie. Mas a sexualidade humana não pode ser vista apenas desse ponto de vista, estando relacionada a todas as demais instâncias da vida humana: afetividade, sentimentos, emoções, pensamentos, memórias, moralidade, relações materiais, relações pessoais e relações espirituais.

A importância do instinto de preservação da espécie é óbvia. No entanto, o avanço da cultura trouxe muitas restrições de natureza moral e social – e um valor excessivo – à sexualidade [...]. Devido à recompensa de um intenso prazer sensual com o qual a natureza revestiu o problema da reprodução, a urgência por satisfação sexual aparece no ser humano quase como um instinto separado. O instinto sexual se apresenta sempre em combinação com muitos diferentes sentimentos, emoções, afetos, interesses espirituais e interesses materiais [...] (Jung, CW 8: para. 238, position 2291, 1937/1942/2014).

A cultura e a civilização se opõem à instintividade pura. Onde há traço de cultura, lá está a fantasia criativa a produzir analogias que sirvam

como gradientes para a progressão da libido, libertando-a da instintividade. Como afirma Jung, "[...] em todos os lugares encontramos sistemas psíquicos em alguma medida se opondo à instintividade pura. [...] Esses sistemas são constituídos de modo a oferecer uma espécie de gradiente natural para a libido" (Jung, CW 5: para. 337, position 4537, 1912/1952/2014e).

O papel dos afetos

Juntamente com os instintos, os afetos formam a base da psique humana: pensamentos e ações são produtos de afetos (Jung, CW 3: para. 78, position 835, 1907/2014). O sentimento é organizador quando a sua intensidade é suportável pela consciência. Já a força primitiva de emoções como medo, repulsa e atração sexual pode ser maior do que o pensar e o agir racionais. À medida que aumenta a intensidade do afeto conectado a uma ideia, diminui o poder do eu de refletir e deliberar sobre ela. Como aponta Jung, "O valor afetivo determina em grande medida o papel que o conteúdo irá desempenhar na economia psíquica" (Jung, CW 9/2: para. 53, position 572, 1948/1951/2014).

O fenômeno humano consiste essencialmente de atribuição de significado e valor, ou seja, da intensidade das emoções e dos sentimentos atrelados a ele. A valoração é imprescindível no julgamento da realidade e a todo processo psíquico conecta-se uma certa tonalidade afetiva. Todos os acontecimentos cognitivos e imaginativos, conscientes e inconscientes, são permeados por sentimentos e emoções, e os sentimentos são a base de todo julgamento de valor que fazemos sobre a realidade e da intensidade com que nos envolvemos com ela.

A função de valor – o sentimento – é uma parte integral da nossa orientação consciente e que não pode ser esquecida no julgamento psicológico de forma alguma [...]. Todo processo psíquico possui uma qualidade de valoração atrelada a ele. Isso indica o grau ao qual o sujeito está afetado pelo processo ou o quanto este significa para ele (desde que de alguma maneira o processo alcance a consciência). É por meio do "afeto" que o sujeito se torna envolvido e passa a sentir todo o peso da realidade (Jung, CW 9/2: para. 61, position 663, 1951/2014).

Impulso à atividade, à criatividade e à reflexão

O ser humano parece possuir um impulso para a atividade que se manifesta apenas depois que outros impulsos mais básicos – como fome, sede, sono e necessidade de proteção – já estejam contemplados e satisfeitos.

O impulso para a atividade talvez ajude a explicar nosso espírito aventureiro, o amor pelas viagens, pela mudança e, até mesmo, o nosso apreço pelo agir de forma lúdica: gostamos de brincar e muitos de nós continuam gostando ao longo da vida (Jung, CW 8: para. 240, position 2302, 1937/1942/2014). O impulso para a atividade parece ter origem em uma certa inquietude natural do ser humano.

O ser humano possui também a capacidade e o impulso para produzir coisas novas. Esse impulso criativo é tão preponderante que, de maneira dinâmica, parece funcionar de forma semelhante a um instinto.

[...] o ser humano possui o poder de criar algo novo no sentido real da palavra, tal qual a natureza, no curso de grandes períodos, é bem-sucedida em criar novas formas. [...] usamos o termo “instinto criativo” porque esse fator comporta-se, pelo menos dinamicamente, como um instinto. Como um instinto, ele é compulsivo, mas não é comum, e não é uma organização herdada fixa e invariável. Assim, eu prefiro designar o impulso criativo como um fator psíquico similar, em natureza, ao instinto, apresentando de fato uma conexão muito próxima com os instintos, mas sem ser idêntico a nenhum deles (Jung, CW 8: para. 245, position 2328, 1937/1942/2014).

O impulso criativo precisa ser situado além do determinismo comportamental da instintividade e, simultaneamente, além das imposições dos padrões sociais. Ele também parece ser algo quase exclusivo do *Homo sapiens*.

Se não houvesse realmente nada por trás dele [o ser humano], exceto padrões coletivos de valoração por um lado, e instintos naturais por outro, toda violação de moralidade seria simplesmente uma rebelião de instintos. Nesse caso, inovações valiosas e significativas seriam impossíveis, pois os instintos são os elementos mais antigos e conservadores que existem tanto nos seres humanos quanto nos animais. Tal visão desconsideraria o instinto criativo que, embora possa se comportar como um instinto, raramente é encontrado na natureza, e é quase que exclusivamente confinado ao *Homo sapiens* (Jung, CW 11: para. 290, [note 13] position 18600, 1941/1954/2014).

Temos ainda um impulso à reflexão, uma propensão a nos voltarmos para dentro de nós mesmos que não se traduz como um simples pensar, mas como uma atitude, uma capacidade da psique de se colocar contrariamente ao

impulso natural e inibir o instinto ou o afeto (Jung, CW 8: para. 241, position 2305, 1937/1942/2014). Ou seja, a capacidade do arbítrio.

A reflexão é a ação de experimentar a consciência de algo e a consciência desta consciência, gerando uma condição de liberdade para o ser humano e consequentemente de imprevisibilidade, em contraposição à compulsão natural e à sua previsibilidade.

A “reflexão” deve ser compreendida não simplesmente como um ato de pensamento, mas como uma atitude. A capacidade de reflexão é um privilégio nascido da liberdade humana em contraponto à compulsão da lei natural. Como a própria palavra testemunha (“reflexão” significa literalmente “inclinarse para trás”), a reflexão é um ato espiritual que corre contra o processo natural; um ato no qual nós paramos, chamamos algo à mente, formamos uma imagem, estabelecemos uma relação e chegamos a termos com o que vimos. A reflexão, desse modo, deve ser compreendida como o ato de tomada de consciência (Jung, CW 11: para. 235, [note 9] position 18138, 1948/2014).

A reflexão propicia o surgimento de novidades sob diversas formas de expressão, na linguagem, no pensamento abstrato, na arte, na ciência ou na ética e, certamente, representa a maior riqueza e a própria essência da natureza humana: a produção de cultura.

A riqueza da psique humana e o seu caráter essencial são provavelmente determinadas pelo instinto de reflexão. A reflexão reencena o processo de excitação e carrega o estímulo em uma série de imagens que, caso o ímpeto seja potente o suficiente, terminam reproduzidas em alguma forma de expressão. Isso pode se dar diretamente, por exemplo na fala, ou pode aparecer em uma forma de pensamento abstrato, representação dramática ou conduta ética; ou ainda, em uma descoberta científica ou obra de arte (Jung, CW 8: para. 242, position 2314, 1937/1942/2014).

Por meio da reflexão, o estímulo é transformado em um conteúdo psíquico, ou seja, torna-se uma experiência: um processo natural é transformado em um conteúdo consciente. A reflexão é o instinto cultural por excelência e a sua potência manifesta-se na força com que a cultura se mantém diante da natureza selvagem (Jung, CW 8: para. 243, position 2319, 1937/1942/2014).

Embora seja usual percebermos uma diferença marcante entre a extroversão dominante na psicologia do Ocidente e a introversão dominante na psicologia do Oriente, há um certo nível de funcionamento psíquico em que essa diferença deixa de existir e dá lugar a um denominador comum do ser

humano: a busca pelo desenvolvimento da consciência e da capacidade de arbítrio. Como destaca Jung,

A tendência extrovertida do Ocidente e a tendência introvertida do Oriente possuem um importante propósito em comum: ambas fazem esforços desesperados para conquistar a naturalidade da vida. Esta é a asserção da mente sobre a matéria, a obra *contra naturam*, um sintoma da juventude do ser humano, se deliciando com o uso da arma mais poderosa desenvolvida pela natureza: a mente consciente (Jung, CW 11: para. 787, position 8828, 1939/1954/2014).

Mas a capacidade de uso da razão e da reflexão não é universal e nem plenamente desenvolvida no ser humano; de fato, frequentemente mostra-se escassa e inconstante (Jung, CW 10: para. 489, position 4723, 1957/2014). Como aponta Jung: "O argumento racional pode ser conduzido com alguma expectativa de sucesso apenas se a emotividade de uma dada situação não excede certo nível crítico. Se a temperatura afetiva sobe acima desse nível, a possibilidade de a razão ter qualquer efeito cessa [...]" (Jung, CW 10: para. 490, position 4723, 1957/2014).

Impulso à atribuição de significado: a psique teleológica

A psique humana é finalista e teleológica (Jung, CW 5: Foreword to the fourth (Swiss) edition, position 470, 1912/1952/2014c), "não existem processos psíquicos 'sem propósito'; [...] a psique é essencialmente propositada e direcionada" (Jung, CW 5: para. 90, position 1542, 1912/1952/2014a). A forma de funcionamento da psique humana é sempre voltada para o futuro e toda ela se dirige para um fim, objetivo, meta, finalidade, significado, propósito, sentido, como afirma Jung, "Tudo o que é psíquico está grávido de futuro" (Jung, CW 14: para. 53, position 1344, 1955/2017a).

Quando essa atribuição de significado não ocorre, seja por qual motivo for, a psique adoce, pois a psique requer experiência de significado.

A experiência de significado é complexa, exigindo pelo menos dois elementos antagônicos para a sua constituição. De um lado, é necessária uma convicção que não pode ser totalmente produzida de forma arbitrária, ela precisa nascer de fontes profundas provindas do inconsciente. Por outro lado, o objeto do significado necessita de interpretação, necessita ser compreendido, já que fatos – ou seja, a natureza física e biológica – não significam nada por si mesmos (Jung, CW 11: 431, position 5125,-1941/1954/2014). Sentido ou significado são atribuições humanas e nunca características intrínsecas das coisas. "O ser humano pode viver as coisas mais extraordinárias se elas fizerem

sentido para ele. Mas a dificuldade é criar esse sentido. Ele precisa ser convicto [...]” (Jung, CW 11: para. 133, position 1477, 1940/2014b).

Frequentemente, essa atribuição de significado é uma ficção intangível e mesmo irreal, porém, ainda assim, profundamente efetiva na alma humana e no mundo.

Significado é algo mental ou espiritual. Podem chamá-lo de ficção se assim o quiserem. [...] ficções, ilusões, opiniões são talvez as coisas mais intangíveis e irreais que possamos pensar; ainda assim, elas são as mais efetivas de todas no reino psíquico (Jung, CW 11: para. 494, position 5855, 1940/2014a).

Impulso à individuação e o papel das forças coletivas

O indivíduo é o portador da vida: apenas ele vive, sente, pensa e elabora códigos morais (Jung, CW 14: para. 194, position 3314, 1955/2014b).

O desenvolvimento histórico da psique humana evolui do pensamento e do sentimento coletivos – tanto mais projetivos quanto mais coletivos forem –, em direção ao conceito de “indivíduo”. Sendo assim, o conceito de indivíduo é relativamente recente na história. “Quanto mais voltamos na história, mais podemos ver a personalidade desaparecendo sob os envoltórios da coletividade. E se retornarmos a uma psicologia primitiva, não encontraremos traço do conceito de indivíduo. Ao invés de individualidade, encontramos apenas relacionamentos coletivos [...]” (Jung, CW 6: para. 12, position 354, 1921/2014b).

Para Jung, “[...] a mente orientada coletivamente é incapaz de pensar e sentir de outra forma que não seja por meio da projeção” (Jung, CW 6: para. 12, position 354, 1921/2014b).

Quando o indivíduo submerge na massa ele pode ser tomado pelo inconsciente em seus aspectos moralmente inferiores, coisa que não costuma acontecer em situações ordinárias ou relações pessoais. Mas nada pode eclodir no ser humano que já não exista previamente.

A mudança de caráter que ocorre pela emergência de forças coletivas é surpreendente. Um ser gentil e razoável pode se transformar em um maníaco ou uma besta selvagem. Pode-se sempre estar inclinado a culpar as circunstâncias externas, mas nada pode explodir em nós que já não esteja lá (Jung, CW 11: 25, position 399, 1940/2014b).

Jung complementa:

Há razão suficiente para que o homem tenha medo das forças impessoais escondidas em seu inconsciente. Nós somos ditosamente inconscientes dessas forças porque elas nunca, ou quase nunca, aparecem em nossas relações pessoais ou sob circunstâncias ordinárias. Mas se as pessoas se juntam para formar uma multidão, então os dinamismos do homem coletivo são libertados – bestas ou demônios que existem adormecidos em toda pessoa –, até que ela se torne parte de uma multidão. O homem na massa mergulha inconscientemente em um nível moral e intelectual inferior, um nível que está sempre lá, abaixo do limiar da consciência, pronto para eclodir tão logo tenha sido ativado pela formação de uma massa (Jung, CW 11: para. 23, position 387, 1941/1954/2014).

Desse modo, quanto mais inconsciente for uma pessoa, mais conforme à psicologia coletiva do seu entorno ela será. Inversamente, quanto mais consciente a pessoa for, maior será a sua individualidade, mais visíveis serão as suas diferenças para outras pessoas e maior será a sua capacidade de arbítrio. Simultaneamente, diminuem a previsibilidade do seu comportamento e a sua submissão a expectativas coletivas. “O livre arbítrio irá crescer na proporção da extensão da consciência” (Jung, CW 8: para. 344, position 3100, 1946/1954/2014).

Fica evidente, por isso, que realizar a nossa própria individualidade é tarefa bastante difícil e exige profunda capacidade de reflexão (Jung, CW 7: 242, position 2877, 1916/1928/2014), ainda mais porque ninguém pode se dizer imune ao espírito da sua época ou completamente liberto do seu entorno cultural. Nossa consciência – e conseqüentemente o nosso arbítrio – é limitada justamente por aquilo que é coletivo em nós e nos faz partículas da massa, sujeitos, portanto, às intensas influências do nosso ambiente e do nosso inconsciente. Como destaca Jung, “Nossa liberdade estende-se apenas à distância que a nossa consciência alcança. Para além dela, nós sucumbimos às influências inconscientes do nosso ambiente” (Jung, CW 13: para. 153, position 2246, 1942/2014).

Considerações finais

A psique e a sua expressão dinâmica, a energia psíquica, são instâncias da existência das quais devemos nos aproximar com cautela; aqui, qualquer simplificação epistemológica rígida e excessivamente reductiva não será possível. Em outras palavras, não é possível uma definição estrita de psique ou de energia psíquica, do mesmo modo que não é possível uma definição última de vida no sentido biológico ou de matéria e energia no sentido físico. O próprio uso do termo **energia psíquica** refere-se a uma dinâmica de relações nos universos físico, biológico e psíquico. Esta dinâmica manifesta-se

como força no universo físico; como necessidade e instinto, no universo biológico; e como desejo, motivação e impulso, no universo psíquico.

A realidade nos escapa em sua integralidade, em parte porque depende da subjetividade do observador, em parte porque o observador possui limitações na sua capacidade de observar.

Sabemos que psique, vida e matéria são um contínuo inseparável e que apenas nossos processos cognitivos fazem essa separação artificial. Sabemos que a origem da psique está conectada à origem da vida, mas desconhecemos a origem da vida. Sabemos que a psique evolui e sabemos como a vida evolui. Sabemos que individualmente a psique se desenvolve e este desenvolvimento é marcado pelo enfrentamento entre o impulso à individuação e a força das potências coletivas que existem em cada um de nós. Sabemos que a psique é constituída por duas instâncias contínuas e interdependentes: uma consciência imersa em uma imensurável inconsciência.

As forças coletivas são motivadas principalmente pelos instintos e pelos afetos. Instintos são forças conservadoras, que mudam muito lentamente em qualquer espécie viva, incluindo a nossa. Chamamos de **arbítrio** a capacidade humana de agir contra a natureza, em especial contra os impulsos instintivos, e essa é a característica suprema da instância consciente da psique.

Os afetos são, como os instintos, elementos dominantes no funcionamento psíquico. Sob a forma de sentimentos, a sua intensidade, ainda que grande, costuma ser organizadora e estruturante em relação à dinâmica psíquica. Já as emoções, devido à sua intensidade transbordante, podem ser desorganizadoras e eventualmente atravessar as intenções e o arbítrio da consciência. Mas não há processo psíquico que não apresente tonalidade afetiva e, em última análise, toda a nossa capacidade valorativa provém dos afetos.

Possuímos ainda outras características que, embora não possam ser identificadas como instintos, apresentam, em condições especiais – quando as instâncias mais primárias da natureza humana estão satisfeitas –, caráter impulsivo e repetitivo, análogo ao dos instintos. Essas características se expressam pelos impulsos à atividade, à criatividade, à reflexão e à atribuição de significado ou finalidade.

Somos naturalmente inquietos e criativos. Ao lado do nosso conservadorismo instintivo, gostamos de nos movimentar e de criar coisas novas. Apreciamos o caráter lúdico que damos à existência. Em outras palavras, gostamos de brincar.

Nossa maior conquista evolutiva é a capacidade de arbítrio, e a sua melhor expressão vem da reflexão profunda, um dos elementos que nos distingue de todos os demais seres vivos, assim como o nosso impulso para valorar, significar, encontrar sentido e buscar finalidade nas coisas do mundo, que

inclui todos os outros e nós mesmos. Somos seres finalistas, mesmo que a matéria e a vida nuas não tenham finalidade em si mesmas. No trajeto de cada vida humana, a psique é a única realidade.

Referências

- Jung, C. G. (2014a). Psychotherapists or the clergy. In *Psychology and religion: west and east* (CW, Vol. 11, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1940).
- Jung, C. G. (2014b). Psychology and religion. In *Psychology and religion: west and east* (CW, Vol. 11, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1940).
- Jung, C. G. (2014). The Self. In *Aion: researches into the phenomenology of the self* (CW, Vol. 9/2, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1948; revisado e republicado em 1951)
- Jung, C. G. (2014a). The hymn of creation. In *Symbols of transformation* (CW, Vol. 5, Pt. 1, Chapter 4, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1912; revisado e republicado em 1952).
- Jung, C. G. (2014b). Foreword to the third (German) edition. In *Symbols of transformation* (CW, Vol. 5, Pt. 1, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1912; revisado e republicado em 1952).
- Jung, C. G. (2014c). Foreword to the fourth (Swiss) edition. In *Symbols of transformation* (CW, Vol. 5, Pt. 1, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1912; revisado e republicado em 1952).
- Jung, C. G. (2014d). Two kinds of thinking. In *Symbols of transformation* (CW, Vol. 5, Pt. 1, Chapter 2, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1912; revisado e republicado em 1952).
- Jung, C. G. (2014e). Symbols of the mother and of rebirth. In *Symbols of transformation* (CW, Vol. 5, Pt. 2, Chapter 5, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1912; revisado e republicado em 1952).
- Jung, C. G. (2014f). The sacrifice. In *Symbols of transformation* (CW, Vol. 5, Pt. 2, Chapter 8, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1912; revisado e republicado em 1952).
- Jung, C. G. (2014g). The dual mother. In *Symbols of transformation* (CW, Vol. 5, Pt. 2, Chapter 7, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1912; revisado e republicado em 1952).

- Jung, C. G. (2014h). The concept of libido. In *Symbols of transformation* (CW, Vol. 5, Pt. 2, Chapter 2, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1912; revisado e republicado em 1952).
- Jung, C. G. (2014i). Introduction of part two. In *Symbols of transformation* (CW, Vol. 5, Pt. 2, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1912; revisado e republicado em 1952).
- Jung, C. G. (2014). A psychological approach to the dogma of the Trinity. In *Psychology and religion: west and east* (CW, Vol. 11, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1948).
- Jung, C. G. (2014). A psychological theory of types. In *Psychological types* (CW, Vol. 6, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1931).
- Jung, C. G. (2014). Alchemical symbolism in the history of religion. In *Psychology and alchemy* (CW, Vol. 12, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1944).
- Jung, C. G. (2014). Archetypes of the collective unconscious. In *Archetypes and the collective unconscious* (CW, Vol. 9/1, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1934; revisado e republicado em 1954).
- Jung, C. G. (2014a). The aims of psychotherapy. In *Practice of psychotherapy* (CW, Vol. 16, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1929).
- Jung, C. G. (2014b). Commentary on “The secret of the golden flower”. In *Alchemical studies* (CW, Vol. 13, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1929).
- Jung, C. G. (2014a). General description of the types. In *Psychological types* (CW, Vol. 6, Chapter 10, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1921).
- Jung, C. G. (2014b). The problem of types in the history of classical and medieval thought. In *Psychological types* (CW, Vol. 6, Chapter 1, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1921).
- Jung, C. G. (2014c). Definitions. In *Psychological types* (CW, Vol. 6, Chapter 11, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1921).
- Jung, C. G. (2014). Epilogue. In *Psychology and alchemy* (CW, Vol. 12, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1944).

- Jung, C. G. (2014). Foreword to White's "God and the unconscious". In *Psychology and religion: west and east* (CW, Vol. 11, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1952).
- Jung, C. G. (2014). On psychic energy. In *Structure and dynamics of the psyche* (CW, Vol. 8, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1928).
- Jung, C. G. (2014). On psychological understanding. In *Psychogenesis of mental disease* (CW, Vol. 3, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1915).
- Jung, C. G. (2014). On the nature of the psyche. In *Structure and dynamics of the psyche* (CW, Vol. 8, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1946; revisado e republicado em 1954).
- Jung, C. G. (2014). On the psychology of the unconscious. In *Two essays in analytical psychology* (CW, Vol. 7, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1912; revisado e republicado em 1943).
- Jung, C. G. (2014). Paracelsus as a spiritual phenomenon. In *Alchemical studies* (CW, Vol. 13, Chapter 3, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1942).
- Jung, C. G. (2014). Psychological commentary on "The Tibetan book of the great liberation". In *Psychology and religion: west and east* (CW, Vol. 11, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1939; revisado em 1954).
- Jung, C. G. (2014). Psychological factors determining human behaviour. In *Structure and dynamics of the psyche* (CW, Vol. 8, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1937 e revisado e republicado em 1942).
- Jung, C. G. (2014). Psychological typology. In *Psychological types* (CW, Vol. 6, Annexes, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1936).
- Jung, C. G. (2014a). The paradoxa. In *Mysterium coniunctionis* (CW, Vol. 14, Chapter 2, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1955).
- Jung, C. G. (2014b). The personification of the opposites. In *Mysterium coniunctionis* (CW, Vol. 14, Chapter 3, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1955).
- Jung, C. G. (2014). The psychology of dementia praecox. In *Psychogenesis of mental disease* (CW, Vol. 3, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1907).

- Jung, C. G. (2014). The relations between the ego and the unconscious. In *Two essays in analytical psychology* (CW, Vol. 7, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1916; revisado e republicado em 1928).
- Jung, C. G. (2014). The theory of psychoanalysis. In *Freud and psychoanalysis* (CW, Vol. 4, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1913).
- Jung, C. G. (2014). The undiscovered Self (present and future). In *Civilization in transition* (CW, Vol. 10, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1957).
- Jung, C. G. (2014). Transformation symbolism in the mass. In *Psychology and religion: west and east* (CW, Vol. 11, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1941; revisado e republicado em 1954).
- Jung, C. G. (2017). Symbols and the interpretation of dreams. In *The symbolic life: miscellaneous writings* (CW, Vol. 18, Kindle). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1961).

Minicurrículo: Ricardo Pires de Souza – Doutor em Medicina pela Universidade de São Paulo, membro do Instituto Junguiano de São Paulo, da Associação Junguiana do Brasil e da International Association for Analytical Psychology. Escritor, autor de “*Anima Mundi*” (2004, Ateliê Editorial) e “*A Dança de Shiva*” (2010, Ateliê Editorial). E-mail: ricapires@uol.com.br.